

Corpo em Deriva

Microterritorialidades e afetos na periferia norte de Bauru/SP

SESSÃO TEMÁTICA: DIMENSÃO HUMANA DO PROJETO, DO PLANEJAMENTO E DA
GESTÃO DA PAISAGEM

Ana Carolina Dias de Abreu
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
E-mail: dias.abreu@unesp.br

Hélio Hirão
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
E-mail: helio.hirao@unesp.br

Norma Regina Truppel Constantino
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
E-mail: norma.rt.constantino@unesp.br

RESUMO

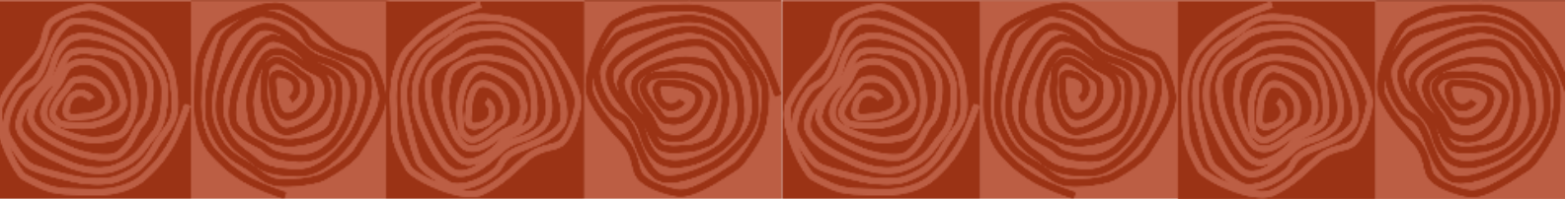
A fim de compreender a relação dos habitantes do território norte da cidade de Bauru com o seu entorno, buscou-se por meio de ferramentas como a cartografia, fotografia, caderno de bordo e coleta de materiais, registrar o caminho percorrido. O percurso inicialmente continha apenas o ponto de partida, no primeiro ponto de ônibus circular do bairro Vila São Paulo. Após a realização da caminhada o percurso realizado teve a duração de uma hora e quarenta minutos, com a finalização, o ponto final de umas das linhas urbanas de ônibus que percorrem o território do Residencial Nova Bauru. Como resultado e por meio da cartografia produzida com o reconhecimento dos verbos, emoções e sensações, coletas e fotografia que habitam o local, foram identificadas duas relações socioambientais existentes: preservação e deterioração do território; mostrando haver uma relação de afetos, de desterritorialização e reterritorialização.

PALAVRAS-CHAVE: paisagem; caminhar; cidade; periferia.

ABSTRACT

Aiming to understand the relationship between the inhabitants of two neighborhoods in the northern region of Bauru and their surroundings, this study sought to document the traversed path using tools such as cartography, photography, field diaries, and material collection. The route initially established only the starting point: the first bus stop in the Vila São Paulo neighborhood. The actual route taken lasted one hour and forty minutes, ending at the terminal of one of the urban bus lines serving Residencial Nova Bauru. As a result—and utilizing the cartography produced through the recognition of verbs, emotions, sensations, collections, and photographs—two existing socio-environmental relationships were identified: the preservation and deterioration of the territory, involving a dynamic of affects, deterritorialization, and reterritorialization.

KEYWORDS: landscape; walk; city; outskirts.



INTRODUÇÃO

No planejamento urbano tradicional houve a valorização da indústria, ignorando as dimensões vividas no espaço (Bélanger, 2016), sem considerar os corpos que nele habitam. Assim, a cidade se torna um espaço de experiência para o corpo (Britto e Jacques, 2008). Essa paisagem urbana, que tem forma e gera experiência, não pode ser ignorada do cotidiano, na qual a paisagem não é só uma imagem estática e sim o resultado do desenvolvimento do habitar humano no mundo (Besse, 2013).

A paisagem, nesse artigo, se destaca como um campo de estudo multidisciplinar, envolvendo diversas áreas de conhecimento (como a geografia, arquitetura, urbanismo, filosofia etc.) e para compreendê-la é necessário envolver diversas perspectivas, conforme Besse (2013). O autor ainda cita cinco problemáticas paisagísticas que coexistem, podendo a paisagem ser vista como uma representação cultural e social (sobretudo em relação à pintura), como um sistema envolvendo o natural e cultural, como um espaço de experiências sensíveis e como um local ou um contexto de projeto. Destaca-se aqui, segundo o autor, que uma das formas de abordagem sobre a paisagem é a experiência, sendo a paisagem o atestado da existência de um fora, de um outro, em que “a experiência radical da paisagem é um sujeito fora e um fora sem objeto” (Besse, 2014, p. 49).

Nesse sentido, a paisagem é o que dá forma ao território enquanto matéria (Assunto, 2013), e esse território vivenciado e experienciado pelo corpo é indicado por Jacques (2005) como uma das alternativas para a cidade do espetáculo:

[...] a experiência efetiva e a vivência dos espaços urbanos. Estas alternativas passariam necessariamente pela própria experiência física da cidade, que é quase impossível ou totalmente artificial nas cidades espetacularizadas (Jacques, 2005, p. 19).

A deriva é uma ferramenta que pode ser utilizada para reconhecer essas paisagens, urbanas ou não urbanas, através do corpo (Hutta, 2020). É um caminhar intencional em que “a sensibilidade é tanto ativa quanto ativada”, é “estar no mundo de forma interrogativa” (Besse, 2014, p.54).

Assim, vai se formando, deformando e reformando a relação do território com seus habitantes. Sendo possível enxergar o que Hutta (2020) chama de desterritorialização e reterritorialização, quando a paisagem é vivenciada de perto. Estar na paisagem não é simplesmente tê-la diante de si e sim estar rodeada por ela de todos os lados (Besse, 2014).

1.1 O caminhar como prática de leitura urbana

A prática da deriva na cidade transcende as limitações do território enquanto limite geográfico. O espaço “transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (Tuan, 1983, p. 6). Com isso, a experiência vivida no espaço ao percorrer o território acontece na paisagem que se desdobra diante de si (Assunto, 2013).



Para compreender a cidade e seus espaços é necessário ir além das fotografias e representações visuais, é preciso caminhar. Besse aponta que “caminhar não é apenas estar no mundo, é estar nele de forma interrogativa: caminhar é questionar o estado do mundo” (2014, p.54-55). Mover-se no espaço dessa forma nos permite compreender a dinâmica da paisagem, na qual a sociedade que forma esta paisagem está em constante mudança e molda seu entorno para satisfazer seus desejos (Santos, 1988).

Nesse sentido o território precisa ser vivenciado por meio da caminhada a fim de obter questionamentos sobre o seu estado. A deriva surge, então, não apenas como um simples caminhar, mas como uma ferramenta metodológica que conduz o pesquisador a ler as micro-relações presentes no espaço. É na escala humana que se revelam os afetos e conflitos de apropriação, e Hutta (2020) propõe a desterritorialização e a reterritorialização como forma de reconhecer esses afetos. Assim, uma demonstração de afeto pode indicar “modificações na capacidade de agir”, sendo essas ações o que constituem o próprio território. O autor ainda cita que “a reterritorialização pode ocorrer junto com o afeto negativo, assim como a desterritorialização pode despertar o afeto positivo” (Hutta, 2020, p.65). Essas variações afetivas não só indicam a relação com o entorno, mas a forma enquanto território.

Desta forma é possível identificar relações entre o corpo e o espaço, ou ainda entre humanos e não humanos, muitas vezes não ditas, porém, lidas pelo corpo, constituindo a corpografia urbana (Jacques, 2008). Andar e coletar a subjetividade é perceber com os sentidos o que está ali, o que aquela sociedade, apesar de não dizer, tem contribuído para o desenvolvimento material e imaterial do território; podendo indicar formas de intervenção a fim de melhorar a qualidade de vida local pela perspectiva local e sem ignorar as particularidades daquela sociedade.

2 OBJETIVO

Este artigo tem como objetivo analisar a aplicabilidade da deriva e da cartografia afetiva como ferramenta metodológica. O estudo de caso visa a apreensão das relações de afetos e conflitos em dois bairros periféricos de Bauru, cidade do centro oeste paulista.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Foi realizada uma fundamentação teórica-conceitual pertinente ao tema de estudo. A deriva, a prática da caminhada e a cartografia, foram adotadas como meio de apreensão e expressão das territorialidades existentes.

Inicialmente foi definido o objeto de experimentação da caminhada, sendo o mesmo da pesquisa de mestrado em andamento: o bairro Vila São Paulo como ponto de partida, e o bairro Residencial Nova Bauru, como ponto de chegada. Ambos estão localizados ao norte da cidade de Bauru-SP. A escolha desses espaços para a prática da deriva justifica-se por apresentar tipologias de transição entre o território urbano e rural.

O acesso ao local se deu por transporte público, tendo como ponto de partida o primeiro ponto de ônibus do bairro; mas a chegada não estava definida inicialmente, sendo esta, uma característica da deriva. O ato do andar atento foi a principal ferramenta utilizada. Ao



praticar a caminhada foram recolhidos materiais que despertavam o olhar da autora e realizado diversos registros fotográficos. Após a prática, foi realizado um levantamento do percurso tendo como referência à deriva realizada em aula da disciplina “Reconhecimento dos espaços habitados da cidade: deriva e cartografia” do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UNESP, em que foram definidas as variáveis de conhecimento da ambiência: verbos, emoções e sensações, coletas e fotografia. Esses registros subjetivos foram possíveis devido à utilização do caderno de bordo, onde foram anotadas as apreensões ao decorrer da caminhada. Assim, o objetivo foi reconhecer o território ao caminhar intencionalmente, produzindo a cartografia a fim de compreender a relação de seus habitantes com a paisagem e as bordas urbanas.

4 RESULTADOS

4.1 A periferia e sua localização

O termo periferia geralmente é indicado para se referir a bairros que ficam nas “bordas” da cidade, marcando o limite territorial do perímetro urbano. Socialmente o termo é utilizado para se referir aos bairros com concentração de pessoas com baixo poder aquisitivo. A Vila São Paulo e o Residencial Nova Bauru, objetos de estudo deste artigo, se encaixam nessas duas características.

O bairro da Vila São Paulo, anteriormente pertencia à Fazenda São João e teve seu loteamento aprovado em 1981, para a implantação de habitação de interesse social. Já o bairro Residencial Nova Bauru (antiga Fazenda São João) no plano diretor é oficialmente dividido em dois bairros – Residencial Nova Bauru e Residencial Vitória Régia – mas é popularmente conhecido como um bairro único – Residencial Nova Bauru. Sua implantação foi das mais recentes da região, com aprovação em 1999. O bairro contaria com 1.000 unidades habitacionais construídas pela COHAB - Companhia de Habitação Popular de Bauru.

A região norte da cidade foi destinada para trabalhadores com baixo poder aquisitivo, ficando distante da área central. A dificuldade de acesso é acentuada pela topografia, devido ao fundo de vale que os divide, sendo possível acessar os bairros por meio de duas rodovias que cortam a cidade. Esses fatores são acentuados pela escassez de transporte público, sendo disponibilizadas até o ano de 2025 (janeiro) apenas três linhas - de segunda a sexta-feira - e uma linha – aos finais de semana e feriados - para atender quatro bairros periféricos, sendo insuficientes para a demanda. Sua localização (Figura 1) faz limite com a área rural, onde o contato com o pasto não é impedido pela cerca de arame que o divide e nem pela presença de animais (gado). Essa condição não é exclusiva dessas localidades, mas considera-se importante expor suas condições gerais pois podem interferir no estudo proposto: a relação dos habitantes com seu entorno.

Figura 1: Localização do objeto de estudo na cidade de Bauru-SP



Fonte: Autores, 2024.

4.2 Deriva e cartografia

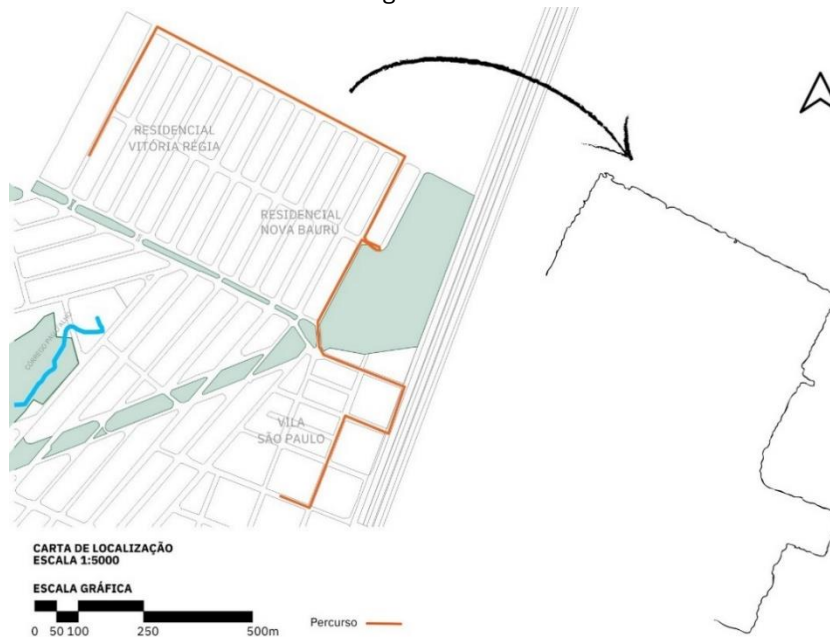
A deriva foi realizada no dia 11 de dezembro de 2024, uma quarta-feira ensolarada, no período da manhã, durante uma hora e quarenta minutos. O percurso (Figuras 2 e 3) iniciou no primeiro ponto de ônibus coletivo do Bairro Vila São Paulo, sem um destino previamente definido. A finalização da experiência ocorreu no ponto final do transporte coletivo de uma das linhas de ônibus circular que percorrem o território. Durante a caminhada buscou-se identificar a relação da população com a paisagem e as bordas do território, sendo o percurso direcionado pela subjetividade.

Figura 2: Imagem do percurso



Fonte: imagem extraída do Software Google Earth, 2024 com edição dos autores, 2024.

Figura 3: Percurso

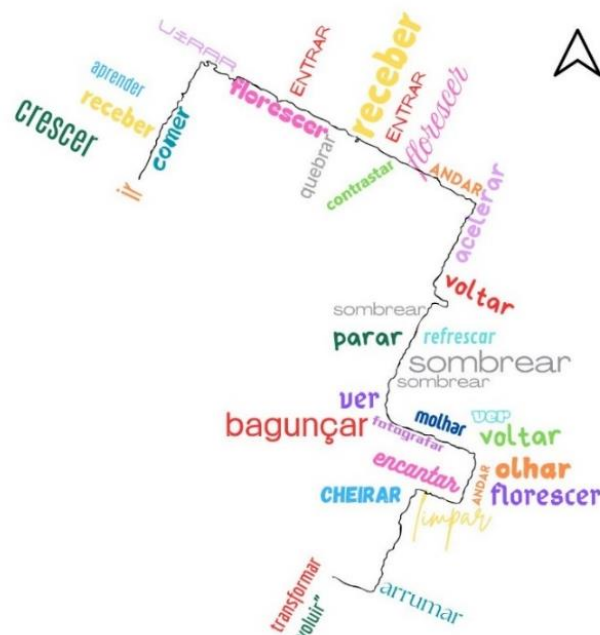


Fonte: autores, 2024.

Com o auxílio do caderno de bordo foram anotadas as sensações e as palavras que atravessaram o corpo da pesquisadora e eram lembradas conforme se realizava a prática da deriva. Essa ferramenta foi conciliada com os registros fotográficos, o que possibilitou a elaboração da cartografia – como também a identificação dos locais onde foram realizadas as coletas. Com a prática concluída foi elaborada uma cartografia a fim de facilitar a apreensão e cognição realizada *in loco*. Tendo o caderno de bordo, as fotografias e as coletas de materiais, foram construídas diferentes expressões gráficas, compostas como montagem em constelação de verbos, emoções e sensações reconhecidas, coletas de objetos e fotografias.

Os verbos apreendidos (Figura 4) se confluem entre os elementos observados, sensações despertadas e ações. Os elementos observados foram a construção de um mercado (transformar e evoluir), fios de energia embarçados no chão (arrumar), maciços de flores espontâneas (florescer), árvore frutífera (comer) e escolas (aprender e crescer). As sensações despertadas ativaram os cinco sentidos. Por exemplo: ao sentir o cheiro de sabão ativou o verbo “limpar”; quando avistadas as primeiras flores do percurso que enfeitavam um muro e indicavam algo encantador, algumas flores foram coletadas e fotografadas, ativando os verbos “fotografar, ver e parar”; os sons dos pássaros e o cheiro do lixo depositado em alguns trechos pelos moradores, gerou um contraste entre beleza e depreciação; e por último o paladar, ao se deparar com um pé de acerola, ativou o verbo “comer”.

Figura 4: Verbos coletados



Fonte: autores, 2024.

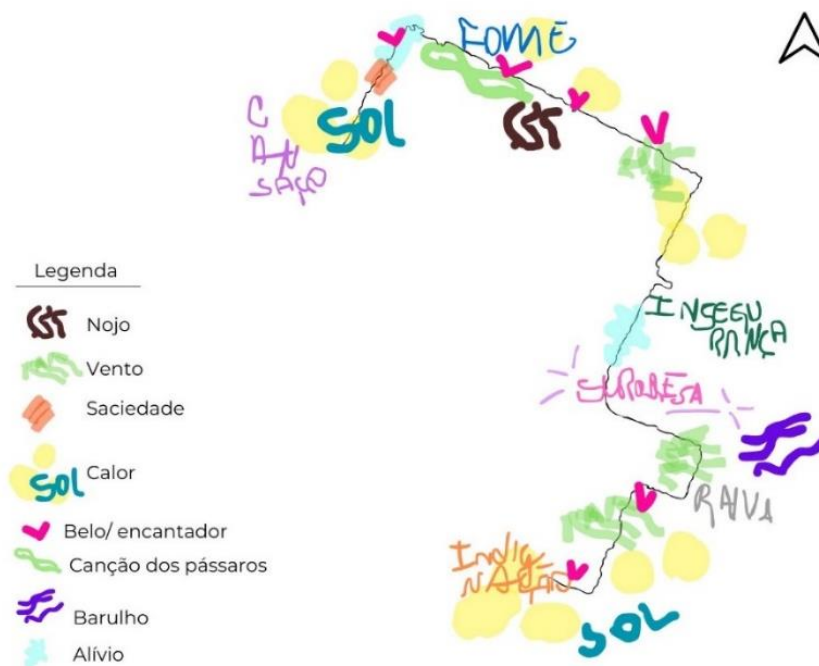
Assim, enquanto a planta oficial do bairro apresenta um urbanismo estático como vimos anteriormente, nos verbos coletados, encontramos as micro-relações do corpo com o território, como também as sensações percebidas durante a caminhada que apontam para as negligências do planejamento urbano, como exemplo a falta de arborização. Desta forma, a coleta de verbos, sensações e emoções nos levam a perceber a experiência com a paisagem como citada por Besse (2014), no qual o calor se torna denúncia em relação a um urbanismo que negligência o corpo.

As emoções e sensações registradas (Figura 5) indicam um caminho de contrastes, ora com sol ora com sombra. Ao separar esse tópico dos demais pode-se observar – comparando com as imagens de satélites (Figura 2) – que os pontos de calor são espaços onde não ocorrem a presença de árvores, e como observou-se com frequência durante o caminho pode-se indicar que uma das ações possíveis de serem aplicadas seria o plantio de espécies arbóreas. Mas também, se sobreposto com a cartografia de verbos, muitos destes fatores se assemelham. Assim, a ausência de vegetação durante a deriva na periferia se torna um ato de resistência física, contra o urbanismo convencional.

Bélanger (2016) propõe inclusive, repensar o urbanismo convencional com um novo urbanismo: a cidade enquanto um sistema vivo e dinâmico, adotando práticas projetuais que respeitem suas fragilidades e a necessidade de encontrar na cidade o meio ambiente natural como parte de sua infraestrutura. O autor cita que o urbanismo convencional usa de toda infraestrutura cinza (sistema de água, esgoto, coleta de resíduos) como uma forma de poder, ditando quem será beneficiado por tais serviços. Nesse sentido, vivenciar o calor pela falta de arborização, ou ainda, a presença de lixo nas calçadas aponta para a negligência do estado, como forma de poder.

Porém, quando se observa uma mulher varrendo a calçada seu ato pode ser interpretado também como indicação de poder sobre aquele espaço. Nesse sentido, depositar ou recolher, limpar ou sujar, podem ser considerados como uma demonstração de micro resistência e apropriação do território, criando essa ambiguidade de afetos sobre o território. Assim, a Figura 5 demonstra os contrastes e a subjetividade da caminhada.

Figura 5: Emoções e sensações



Fonte: autores, 2024.

Com as sensações podemos compreender que a paisagem não é apenas uma imagem, são experiências (Besse, 2014, p. 47), e nesse sentido a coleta de materiais (Figura 6) se mostrou importante por indicar a predominância de materiais orgânicos, provavelmente devido ao fato de que o percurso foi realizado próximo ao pasto, visto como um local fora da cidade e propício para o descarte de lixo, por quem não a habita. Porém, diversas vezes foi notada a presença de flores nesses espaços, como a flor de cosmos (*Cosmos sulphureus* Cav.) e a flor-do-guarujá (*Turnera ulmifolia*) encontradas pelo caminho (Figura 7), frágeis para serem coletadas, mas resistentes junto à matéria orgânica presente no solo.

Figura 6: Coletas



Figura 7: Flores identificadas



Fonte: autores, 2024.

As fotografias (Figura 8) foram selecionadas de forma a representar a experiência visual da caminhada, indicando a flora e objetos encontrados que não foram possíveis coletar.

Figura 8: Fotografias



Fonte: autores, 2024.

Após a elaboração e o registro de todas as camadas de experiências foi realizada a sobreposição das camadas (Figura 9), onde é possível perceber a aproximação dos verbos com as sensações, assim como com as fotografias e as coletas.

Figura 9: Sobreposição de camadas



Fonte: autores, 2024.

Rocha, Santos e Del Fiol (2024) ao praticarem a caminhada também como intervenção urbana, indicam formas práticas de realizar a caminhografia: registrar, jogar e criar. Desta forma, nessa pesquisa foi praticado o registrar e o jogar, ficando a criação para projetos futuros. O caderno de bordo e as fotografias registraram a experiência percorrida. Já a prática de jogar, foi realizada durante o percurso quando foi avistada uma folha seca de aproximadamente 50 centímetros de comprimento (Figura 10 – primeira imagem), com tom amarelo, identificado como a planta cica (*Cycas revoluta*), em local próximo ao pasto. A foi recolhida e no final do percurso foi depositado rente ao tronco de uma árvore (Figura 10 – segunda foto), plantada em frente a uma escola infantil (creche). Este jogo teve o intuito de indicar que a folha amarela pertencia a outro lugar, não distante dali, talvez instigando uma criança a levá-la para outro lugar.

Figura 10: Jogar



5 DISCUSSÕES

Caminhar pelos bairros com um olhar atento foi um desafio a ser superado, pois a pesquisadora teve a vivência nos bairros estudados durante dezenove anos. A experiência passada poderia indicar uma apropriação da paisagem a ser percorrida. O território é outro e precisa ser constantemente percorrido; assim percorrer o espaço é “questionar o estado do mundo” (Besse, 2014, p.55) experienciando suas novas paisagens, sendo possível identificar o estado da paisagem formado por aquela sociedade, capturado no momento da caminhada e registrado por meio da cartografia.

Dentro do território foi possível identificar, nos terrenos baldios, que poderiam ser chamados de não lugares, que não há uma atividade diretamente realizada pela população, o acúmulo de resíduos sólidos e flores espontâneas. Esse acúmulo de lixo observado confirma o processo de desterritorialização abordado anteriormente. Ao adentrar as ruas urbanizadas notou-se atividades como varrer e jogar água na calçada, como também o cultivo dos jardins espontâneos no limite urbano-rural que indicam a reterritorialização, como afeto positivo, citada por Hutta (2020). Sendo assim, são demonstrados não apenas os afetos – positivos ou negativos – como também as ações de poder sobre o território.

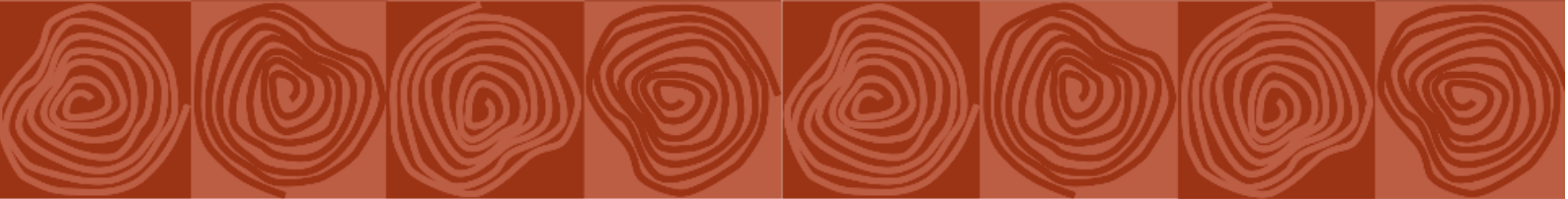
Esses conflitos de relações formam o território e acabam por indicar uma divisão relacional da sociedade que nele vive. Essa divisão não os separa, mas os aproxima do entorno, enquanto uns depositam resíduos no solo, outros o recolhem e cuidam de seus espaços externos. É como se fosse uma espécie de rizoma, com ações conectadas e dependentes uma das outras. Se por um lado, se distancia o afeto, por outro, se tenta aproximar. Assim, analisar o território com os pés, e ver o espaço através da caminhada afetiva, como indicam os resultados, leva o pesquisador a experienciar o território por meio da subjetividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo cumpriu o objetivo de analisar a aplicabilidade da deriva como ferramenta metodológica, utilizando-se da cartografia a fim de expressar a leitura realizada *in loco*. Por meio da experiência do corpo, foi possível identificar uma relação ambígua de (des)territorialização. A preservação dos espaços ficou evidente no cuidado com a rua ao varrê-la, contrariando a deterioração de depósito de resíduos presente na calçada na quadra seguinte. Esse cenário se repetiu em outros locais, como no limite do bairro Residencial Nova Bauru com o pasto, onde junto da cerca alguns trechos recebiam lixo, observando-se a desterritorialização pelo abandono; ou então com a presença de jardins como extensão da casa, confirmando a reterritorialização. Ambas as situações revelam as tensões dos habitantes com a paisagem, explorando-a diariamente e deixando suas marcas e suas relações de poder e resistência sobre o território.

Ainda que a pesquisa tenha alcançado seus objetivos, reconhece-se que este estudo é um recorte preliminar. Futuras derivas devem ampliar a amostragem prática dessa metodologia de reconhecimento, apreensão e cognição do território.

Espera-se que este artigo e as informações aqui registradas contribuam para a



comunidade acadêmica, especialmente para aqueles que trabalham com a paisagem, incentivando-os a olhar esses territórios de perto, identificando suas relações e conflitos socioespaciais, adentrando e experienciando a paisagem cotidiana como prática corpórea.

REFERÊNCIAS

ASSUNTO, R. Paisagem – Ambiente – Território. *In*: SERRÃO, A. V. (Coord.). **Filosofia da paisagem**: uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 125-130.

BÉLANGER, P. Is landscape infrastructure? *In*: DOHERTY, G.; WALDHEIM, C. (Ed.). **Is landscape...?:** essays on the identity of landscape. New York: Routledge, 2016. p. 190-227.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014. 234 p.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2013. 120 p.

BRITTO, Fabiana Dutra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, Salvador, v. 7, n. 2, p. 79-86, 2008. DOI: <https://doi.org/10.9771/ppgaufba.v7i0.2648>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. **A paisagem de fundos de vale**: o caso de Bauru. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOOGLE. **Google Earth**. Bauru, SP. Coordenadas: 22°16'21"S e 49°04'11"W. Elevação: 599 m. 2024. Acesso em: 10 dez. 2024.

HUTTA, Jan Simon. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 63-89, 2020. Número Especial “Múltiplas e Microterritorialidades nas Cidades”.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 08, n. 093.07, Vitruvius, 2008. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>. Acesso em: 15 jan. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade. **Arquitextos**, São Paulo, p. 16-25, 2005.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos; DEL FIOL, Paula Pedreira. Registrar, jogar e criar: a caminhografia nos processos de transcrição da cidade. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 11, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.134401>.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983. 250 p.